

REFLEXÕES SOBRE TANATOLOGIA: UMA ANÁLISE DE *O HOMEM QUE ENXERGAVA A MORTE*

REFLECTIONS ABOUT TANATOLOGY: AN ANALYSIS OF *O HOMEM QUE ENXERGAVA A MORTE*

Marcia Maria Medeiros

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8684-2345>

Gustavo Bocon Lopes

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9427-5627>

Luiz Alberto Ruiz da Silva

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3257-1196>

Resumo: “O homem que enxergava a Morte” é um texto narrativo que faz parte da coletânea *Contos de Enganar a Morte (2003)*, de Ricardo Azevedo. Inspirada no folclore, a história conta as aventuras de um homem muito pobre que escolheu a morte como madrinha de seu filho e que teria a possibilidade de vê-la em determinadas situações. O objetivo desta pesquisa foi analisar como o estudo do conto permite a compreensão de questões que envolvem a tanatologia, entendendo que a literatura é um fenômeno capaz de expressar significados em relação ao processo de morte e morrer. O método utilizado para análise foi de natureza qualitativa, baseado em estudos bibliográficos. A análise dos resultados teve como premissa questões que envolvem a tanatopedagogia, com base na proposta de Grzybowski (2014). Conclui-se que o texto literário é um elemento importante para discutir questões relacionadas ao processo de morte e morrer, sendo possível utilizá-lo como recurso pedagógico para abordar essas questões e potencializar reflexões e debates sobre o assunto.

Palavras-chave: Tanatopedagogia; Ensino em Saúde; Humanização; Literatura; Folclore.

Abstract: “O homem que enxergava a Morte” is a narrative text that is part of the collection Contos de Enganar a Morte, written by Ricardo Azevedo. Inspired by folklore, the story details the adventures of a very poor man who chose death as his son’s godmother and who would can the possibility to see her in certain situations. The objective of this research was to analyze how the study of the short story allows the understanding of issues involving thanatology, understanding that literature is a phenomenon capable of expressing meanings in relation to the process of death and dying. The method used to analysis was of a qualitative nature, based on bibliographic studies. The analysis of the results was premised on issues involving thanatopedagogy, based on Grzybowski’s (2014) proposal. It is concluded that the literary text is an important element to discuss issues related to the process of death and dying, being possible to use it as a pedagogical resource to address these issues and enhance reflections and debates on the subject.

Keywords: Tanatopedagogy; Health Education; Humanization; Literature; Folklore.

INTRODUÇÃO

A tanatologia é identificada como o campo do conhecimento que busca entender as questões relativas ao processo de morte e morrer, a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Foi graças às pesquisas desenvolvidas pela médica Elizabeth Kübler-Ross que a tanatologia surgiu enquanto conceito. No livro *Sobre a morte e o morrer* (2008), Kübler-Ross detalha informações em relação a sua área de interesse e revela que as pessoas preferem calar ao invés de falar sobre a finitude, principalmente com crianças, pois:

(...) a morte é encarada como tabu, onde os debates sobre ela são considerados mórbidos, e as crianças afastadas sob pretexto de que seria 'demais' para elas. Costumam ser mandadas para a casa de parentes, levando muitas vezes consigo mentiras não-convincentes de que 'mamãe foi fazer uma longa viagem' ou outras histórias incríveis (KÜBLER-ROSS, 2008, p. 10).

Neste contexto, ocultar informações da criança sobre a perda de um ente querido, por exemplo, possibilita o despertar uma miríade de sentimentos negativos como ansiedade, sentimento de culpa, sentimento de abandono, raiva e insegurança. Esse tipo de situação pode acarretar em um trauma que fará com que a criança passe a desconfiar dos adultos ao seu redor, perdendo, pois, a capacidade de entendimento para com eles (KÜBLER-ROSS, 2008; KOVÁCS, 2010).

Entendemos que a morte e o luto são elementos constituintes da vida das pessoas, os quais são silenciados pelo fato de que a sociedade em que vivemos os compreende como um tabu. Parte desse processo se deve aos avanços da tecnologia na área das ciências da saúde, propiciando aumento na expectativa de vida e culminando no ocultamento em relação ao tema (MEDEIROS, 2008; MENEZES, MEDEIROS, 2020).

A partir dessas considerações iniciais nasceu a seguinte reflexão: como o texto literário pode ser compreendido enquanto um fenômeno que expressa significações em relação ao processo de morte e morrer? De que maneira esse texto poderia ser utilizado como ferramenta educativa para refletir sobre perdas e luto?

Assim, nos propomos a analisar o conto “O homem que enxergava a Morte¹” no sentido de possibilitar a compreensão das questões tanatológicas. Para tanto, o presente artigo foi dividido da seguinte maneira: na primeira parte apresentaremos algumas características da obra de Ricardo Azevedo, particularmente o livro *Contos de Enganar a Morte* (2003). Em um segundo momento, trabalharemos a análise do referido texto à luz das ideias que envolvem o conceito de tanatopedagogia (GRZYBOWSKI, 2014). Posteriormente, traremos nossas considerações finais sobre o assunto.

UM AUTOR E SUA OBRA: RICARDO AZEVEDO E *CONTOS DE ENGANAR A MORTE* (2003)

Ricardo José Aduff Azevedo é um escritor e ilustrador paulista, nascido no ano de 1949. Sua obra abrange mais de uma centena de livros já publicados e possui uma forte raiz nas tradições folclóricas. Para Ferreira e Bulhões, o trabalho literário produzido por Azevedo se embasa no “(...) resgate de histórias da tradição popular” (FERREIRA, BULHÕES, 2017, p. 80).

Desde a década de 1980, Azevedo tem se dedicado a investigar questões relativas a cultura popular (principalmente os contos) e a cultura erudita (ou oficial), sendo que na opinião do autor, ambas as esferas se constituem em marcos essenciais para que uma determinada sociedade consiga refletir sobre si mesma. Nas palavras de Azevedo:

(...) creio que conhecer e reconhecer as diferenças entre a cultura oficial e a cultura popular, aceitando que ambas, e não apenas a oficial, sejam relevantes, é uma questão de autoconhecimento social, pode ampliar nossa visão de mundo e permitir que a gente consiga pensar melhor sobre nossa sociedade, sobre nossa arte, sobre nossa literatura, sobre nossa educação e sobre nós mesmos (AZEVEDO, 2008, p. 21).

1 Neste artigo, Morte grafado em letra maiúscula refere-se a personagem do conto de Azevedo, a qual executa ações, dialoga com outras personagens e mesmo com os leitores e leitoras. Quando o artigo faz referência à morte na condição de substantivo, ou seja, ato do óbito; cessação da vida; falecimento, será utilizada a grafia com letra minúscula.

Ferreira e Bulhões (2017) entendem que Azevedo se inspira nos contos populares e, a partir dos contos, articula seu processo de criação artística, assumindo o papel de um contador de histórias e criando sua própria versão dos fatos que narra. Segundo os pesquisadores, em sua obra literária Ricardo Azevedo traz “(...) para o seu texto a oralidade, busca interagir com o leitor, pois o projeta como um ‘ouvinte” (FERREIRA, BULHÕES, 2017, p. 80).

Neste sentido, Valenzuela (2021) compreende que a obra do autor, e em especial o livro *Contos de Enganar a Morte* (2003), se aproxima das características da literatura de cordel, inclusive no que se refere a forma como o livro é apresentado ao público leitor, utilizando ilustrações que imitam as xilogravuras características deste tipo de texto literário.

A obra é composta por quatro narrativas populares, cujo mote principal é o momento da morte, sendo elas: “O homem que enxergava a Morte”, “O último dia na vida do ferreiro”, “O moço que não queria morrer” e “A quase morte de Zé Malandro”. Na apresentação da obra, os editores informam aos leitores e leitoras que essas narrativas constituem em “(...) alguns dos principais enredos abordando o herói que não quer morrer e inventa mil truques e ardis para dar um jeitinho de escapar da morte” (AZEVEDO, 2003, p. 07).

Há que se salientar que a obra alcançou importância e projeção nacional, sendo considerado um livro altamente recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil em 2004, além de alcançar o segundo lugar do Prêmio Jabuti na categoria infantil, também no ano de 2004.

Valenzuela (2021) informa que a morte, no contexto da obra *Contos de Enganar a Morte* (2003), surge como uma figura espectral, que observa e visita as pessoas quando do momento da sua passagem para o além. Na opinião da autora, Azevedo humaniza a morte, travestindo-a na forma de uma mulher, conforme se percebe a partir da citação abaixo:

A morte é personificada como uma mulher, que bate à porta e dialoga, negocia e faz tratos e troca de favores com os personagens, que, ao lado do narrado e do leitor, tornam-se cúmplices de uma narrativa fantástica, onde os fatos integram-se ao cotidiano (...). A atemporalidade e o espaço não definido estão presentes em todas as histórias que compõem o livro, no entanto, são as ilustrações que marcam sua ligação com um ambiente de cunho mágico, identificado com paisagens e representações típicas do sertão brasileiro (VALENZUELA, 2021, p. 08).

Exemplos dos pontos elencados por Valenzuela (2021) estão presentes já na capa da obra, na qual um esqueleto pode ser confundido com uma árvore, sendo que se percebe ao fundo um coqueiro e outra árvore frutífera, cuja copa aparenta estar repleta. Outros elementos completam a imagem, entre eles pássaros e borboletas, em uma alusão à natureza. A figura 01 apresenta os detalhes destes elementos.

Figura 01 - Capa do livro utilizado para análise e construção deste artigo.



Fonte: AZEVEDO, R. **Contos de Enganar a Morte**. São Paulo: Ática, 2003.

O livro *Contos de Enganar a Morte* (2003) é um recurso válido para incentivar o gosto pela leitura, além de introduzir na discussão um tema considerado tabu pela sociedade contemporânea em que vivemos (GRZYBOWSKI, 2014b; OLIVEIRA, MEDEIROS, 2017), a saber, as questões que envolvem o processo de morte e morrer.

Azevedo (2007) entende que os contos populares são imprescindíveis para oferecer aos leitores o conhecimento sobre questões relativas à vida em sua concretude

e em relação aos dilemas que advém do transcorrer da existência como conflitos, situações paradoxais e contraditórias, além das ambiguidades que envolvem o ser humano. Segundo o autor “(...) é muito bom quando alguém – principalmente se for um jovem – descobre que, além de regras, informações e lições, um livro pode abordar temas da vida humana concreta” (AZEVEDO, 2007, p. 08). Importante salientar que, ao final do livro em questão, Azevedo insere um item importante, na forma de um colofão², no qual justifica o motivo pelo qual escolheu abordar um tema tão complexo como a morte e apresentá-lo ao público infantil:

Certa segunda-feira, eu estava na quarta série do primeiro grau, a professora entrou na classe com uma péssima notícia: o pai de um colega nosso tinha morrido afogado em Bertioga, no litoral paulista. Lembro do sentimento de medo: e se meu pai morresse também? Lembro de estremecer de pena e tristeza por causa do meu amigo. Lembro de me perguntar: o que é a morte? (AZEVEDO, 2003, p. 58).

A citação evidencia a importância de tratar sobre o processo de morte e morrer com crianças, pois a finitude é algo inerente a vida e não pode ser ignorada, já que ela se constitui em uma referência inclusive para que os sujeitos sejam capazes de construir significados sobre a sua existência. Esses temas serão discutidos de maneira mais abrangente no próximo tópico deste trabalho.

UMA ANÁLISE DE “O HOMEM QUE ENXERGAVA A MORTE”

A narrativa “O homem que enxergava a morte” já inicia apresentando uma crítica social ao considerar que a personagem principal da história é um homem pobre, que mora com a mulher e seis filhos pequenos em um casebre. A notícia de que a mulher estava grávida do sétimo filho o encheu de preocupações, pois: “Temia que ninguém quisesse ser padrinho da criança recém-nascida. Arranjar padrinho para o sexto filho já tinha sido difícil. Quem ia querer ser compadre de um pé-rapado como ele?” (AZEVEDO, 2003, p. 11).

2 O colofão (do latim *colophon*) é uma técnica utilizada pelos manuscritos ou incunábulo medievais e consta de uma nota final que oferece mais informações sobre o texto em questão, podendo conter: indicações inerentes à autoria, notas sobre a editoração e motivos que levaram a escrita do livro.

Com essa questão corroendo seu coração e sem encontrar quem quisesse apadrinhar o filho, já retornando para casa, o homem se depara com uma figura na estrada, a qual usava uma capa escura e se apoiava em uma bengala de osso. A figura se apresenta como sendo a Morte e se propõe a ser madrinha do recém-nascido (AZEVEDO, 2003). O homem aceita o convite e afirma: “Você sempre foi justa e honesta, pois leva para o cemitério todas as pessoas, sejam elas ricas ou pobres. Sim – continuou ele com voz firme -, quero que seja minha comadre, madrinha do meu sétimo filho!” (AZEVEDO, 2003, p. 13).

O trecho em questão revela um ponto primordial: a morte não escolhe classe social, assim como não escolhe faixa etária. Se a sociedade divide os sujeitos em categorias de acordo com os bens que possuem e os classifica a partir desse contexto, para a morte esse princípio não faz diferença, já que ela alcança todas as pessoas, independente de sua posição social ou dos bens que possuam (ARIÈS, 2003; DASTUR, 2002; GRZYBOWSKI, 2014b).

Chegado o dia do batismo da criança, a Morte apresenta-se como prometido, batiza a criança e, ao final da cerimônia, chama o seu já compadre para uma conversa particular na qual explica sobre o significado da sua ação sobre a terra, além de prometer que iria tornar o pai do seu afilhado um homem de muitas posses:

- Fiquei muito feliz com o seu convite – disse ela. – Já estou acostumada a ser maltratada. Em todos os lugares por onde ando as pessoas fogem de mim, falam mal de mim, me xingam e me amaldiçoam. Essa gente não entende que não faço mais do que cumprir minha obrigação. Já imaginou se ninguém morresse no mundo? Não ia sobrar lugar para as crianças que iam nascer! Na verdade – confessou a Morte -, você é a primeira pessoa que me trata com gentileza e compreensão.

E disse mais:

- Quero retribuir tanta consideração. Pretendo ser uma ótima madrinha para seu filho.

A Morte declarou que para isso transformaria o pobre homem numa pessoa rica, famosa e poderosa.

- Só assim – completou ela -, você poderá criar, proteger e cuidar de meu afilhado (AZEVEDO, 2003, p. 13).

A citação acima apresenta um ponto que merece reflexão, qual seja ele, o fato de que a morte é considerada como algo negativo, expresso no uso das expressões “fogem de mim”, “falam mal de mim”, “me xingam” e “me amaldiçoam”. Santos (2009) afirma que é muito difícil conhecer a percepção sobre a morte em meio aos adultos,

sendo ainda mais complexo alcançar esta compreensão no que se refere às crianças. Para Grzybowski (2014) esse processo se deve ao fato de que, nos conteúdos programáticos desenvolvidos nas escolas, as questões relativas a uma educação para a morte (tanatopedagogia) são escassas, senão inexistentes.

Ao abordar um texto literário como o de Azevedo, torna-se possível refletir sobre as questões que envolvem a morte e a finitude de maneira lúdica, garantindo a reflexão sobre o tema, inclusive sobre o fato de a morte ser algo necessário para a própria continuidade da vida, conforme expresso na pergunta que a Morte faz: “Já imaginou se ninguém morresse no mundo?”.

A fim de tornar rico o seu compadre, a Morte informou que ele se tornaria médico. A partir desse dia, ele seria capaz de ver a Morte, ao contrário das outras pessoas. Quando fosse chamado para examinar um sujeito enfermo, se visse a Morte na cabeceira da cama, isso era um sinal de que a pessoa se recuperaria da doença, porém: “Em compensação – rosnou a Morte –, se me enxergar no pé da cama, pode ir chamando o coveiro, porque o doente logo, logo vai esticar as canelas” (AZEVEDO, 2003, p. 14).

Observamos aqui o uso de uma metáfora para trazer a ideia da finitude, sendo que o texto de Azevedo apresenta logo nas páginas iniciais outras analogias com o mesmo sentido: “(...) abotoar o paletó, entregar a rapadura, bater as botas” (AZEVEDO, 2003, p. 07). Todas essas expressões trazem em si algo de cômico, sendo possível entender que o humor pode ser utilizado como instrumento didático junto ao público infantil para trabalhar com a ideia de finitude.

Cabe salientar que a perspectiva da manifestação da alegria, para tratar de temas considerados sérios, já foi utilizada como aporte para o ensino por Santo Agostinho. Em seu livro *A instrução dos catecúmenos* (2005), o bispo de Hipona afirma que uma das razões que leva ao enfado no contexto da catequização é o fato de que as pregações são monótonas, portanto é necessário trabalhá-las combatendo o tédio através da alegria (AGOSTINHO, 2005).

Para Alberti (2002), o cômico permite reconhecer e apreender determinadas realidades que possibilitam ao sujeito o conhecimento do mundo, tornando mais palatáveis determinadas categorias de pensamento e determinados conceitos. É nesse sentido que trabalhar o texto literário pode oferecer oportunidade para discutir sobre a finitude de maneira não traumática, evitando prejuízos à saúde mental das crianças.

Para Grzybowski falar sobre as questões inerentes ao processo de morte e morrer são fundamentais para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Segundo o autor, “o primeiro estágio da melhoria da qualidade de vida está em se quebrar a resistência de se pensar, falar ou saber sobre as doenças e a morte” (GRZYBOWSKI, 2014a, p. 318). Neste sentido, o texto literário serve como um aporte fundamental para a introdução da temática no currículo, entendendo a arte como um potente instrumento pedagógico (INCONTRI, 2014).

Azevedo, em sua narrativa “O homem que enxergava a Morte (2003)”, apresenta outros pontos de reflexão sobre a condição humana, a exemplo do enunciado quando a narrativa aponta para a passagem do tempo e determina que a finitude é processo intrínseco a todo ser vivo, como pode ser observado pela citação que segue:

Mas o tempo é um trem que não sabe parar na estação.
O sétimo filho do homem, o afilhado da Morte, cresceu e tornou-se adulto.
Certa noite, bateram na porta da casa do médico. Dessa vez não era nenhum doente pedindo ajuda. Era uma figura curva, vestindo uma capa escura, apoiada numa bengala feita de osso. A figura falou em voz baixa:
- Caro compadre, tenho uma notícia triste: sua hora chegou. Seu filho já é homem feito. Estou aqui para levar você (AZEVEDO, 2003, p. 15).

O homem não aceitou bem a ideia e considerou a ação da Morte uma injustiça, mesmo que ela explicasse sobre o fato de que o tempo é inexorável e que a sua partida era inconteste: “Vá até o espelho e olhe para si mesmo – sugeri. – Está velho. Seu tempo já passou” (AZEVEDO, 2003, p. 15).

A não aceitação da sua condição de mortal pelo ser humano, faz com que a morte seja compreendida pelas pessoas como uma forma de violência e não como um processo que faz parte da vida. Para Dastur (2003), nesse contexto, existe o entendimento de que a pessoa morre sem ter explorado todas as suas potencialidades, de maneira que prevalece a sensação de que ela deixou algo ou alguma ação por realizar. É nisso que o homem se apegua ao argumentar com a Morte para que ela permitisse que ele continuasse vivendo:

Mas o médico não se conformava. E argumentou, e pediu, e suplicou tanto que a Morte resolveu conceder mais um pouquinho de tempo.
- Só porque somos compadres, só por ser madrinha de seu filho, vou lhe dar mais um ano de vida – disse ela antes de sumir na imensidão (AZEVEDO, 2003, p. 15).

A ideia expressa pela argumentação do homem com a Morte traz em si o que Kübler-Ross (2008) denominou como barganha, ou seja, uma fase do processo de morte e morrer identificada por ela junto aos doentes terminais, os quais entrevistou e que remete a uma espécie de negociação com o sobrenatural ou mesmo com os médicos (garantindo adesão ao tratamento, por exemplo) no intuito de alcançar um prazo a mais de vida.

Após negociar com a Morte por um prazo maior de vida, o homem continuou atendendo aos doentes que lhe procuravam, tomando por premissa o pacto que havia feito com a madrinha do seu filho. Porém, um dia ele quebrou o pacto ao visitar uma jovem enferma e constatar que a Morte estava ao pé da cama, o que significava que aquela moça morreria:

O médico sentou-se na beira da cama e examinou a moça. Era muito bonita e delicada. O homem sentiu pena. Uma pessoa tão jovem, com uma vida inteira pela frente, não podia morrer assim sem mais nem menos. “Isso está muito errado”, pensou o médico, e tomou uma decisão. “Já estou velho, não tenho nada a perder. Pela primeira vez na vida vou ter que desafiar minha comadre”. E rápido, de surpresa, antes que a Morte pudesse fazer qualquer coisa, deu um jeito de virar o corpo da menina na cama, de modo que a cabeça ficou no lugar dos pés e os pés foram parar do lado da cabeceira. Fez isso e berrou:

- Tenho certeza! Ela vai viver! (AZEVEDO, 2003, p. 16).

A Morte ficou indignada por haver sido enganada pelo seu compadre e informou a ele que a promessa feita de garantir mais um ano de vida havia sido quebrada pela sua ação. O texto literário deixa evidente que a morte é o destino do que tem vida e que mais cedo ou mais tarde, irá alcançar a todos: “E daí? Aquela moça estava marcada para morrer – disse a Morte. – Você contrariou o destino. Agora vai pagar caro pelo que fez. Vou levar você no lugar dela!” (AZEVEDO, 2003, p. 18).

Neste momento da narrativa, o texto de Azevedo usa novamente das metáforas para explicar sobre o processo de morte e morrer e a sua relação com a finitude. A Morte transporta seu compadre para um salão gigantesco, repleto de velas acesas de diferentes tipos e tamanhos. Nesse ambiente se desdobra o seguinte diálogo:

- O que é isso? – quis saber o velho.
 - Cada vela dessas corresponde à vida de uma pessoa – explicou a Morte. – As velas grandes, bem acesas, cheias de luz, são vidas que ainda vão durar muito. As pequenas são vidas que já estão chegando ao fim. Olhe a sua.

E mostrou um toquinho de vela, com a chama trêmula, quase apagando.
- Mas então minha vida está por um fio! – Exclamou o homem assustado. –
Quer dizer que tudo está perdido e não resta nenhuma esperança?
A Morte fez que “sim” com a cabeça. Em seguida, transportou o médico de volta para casa (AZEVEDO, 2003, p. 18).

A imagem das velas representando a trajetória de uma vida remete às Moiras, ou fiandeiras do destino, figuras míticas conhecidas na antiguidade clássica, as quais, de acordo com Brunel (2000), são responsáveis por tecer o destino dos seres humanos. As Moiras constituem-se em uma tríade formada pelas irmãs Cloto, Láquesis e Átropos, as quais são cegas. A primeira movimenta uma roca com a qual tece o fio da vida. A segunda mede o tamanho do fio e a terceira é responsável por cortá-lo, corroborando assim para o fim de uma existência. Devido ao fato de não enxergarem, não são capazes de julgar a quantidade de tempo que uma pessoa viveu. Isso explicaria porque algumas pessoas morrem jovens demais enquanto que outras parecem viver por tempo em demasia (BRUNEL, 2000).

Depois de haver visitado o salão em companhia da Morte, o médico apresenta-se “(...) já enfraquecido, deitado na cama (...)” (AZEVEDO, 2003, p. 19) mas antes de morrer tem um último pedido: quer rezar um pai-nosso e solicita que sua comadre somente o leve quando ele terminar a oração. A Morte concorda com esta última súplica, porém é ludibriada mais uma vez:

A Morte jurou e o homem começou a rezar:
- Pai-Nosso que...
Começou, parou e sorriu.
- Vamos lá, compadre – grunhiu a Morte. – Termine logo com isso que eu tenho mais o que fazer.
- Coisa nenhuma! – exclamou o médico saltando vitorioso da cama. – Você jurou que só me levava quando eu terminasse de rezar. Pois bem, pretendo levar anos para acabar a minha reza... (AZEVEDO, 2003, p. 19-20).

Quando percebeu que havia sido enganada mais uma vez, a Morte partiu não sem antes jurar que o médico morreria como qualquer outra pessoa. Anos se passaram sem que nada acontecesse até que um dia, o médico encontrou um corpo caído em uma estrada a qual ele percorria. Como constatou que não havia mais o que fazer pela pessoa morta, tirou o chapéu e rezou um Pai-Nosso. Quando terminou, o morto abriu os olhos, pois ele nada mais era que “(...) a Morte fingindo-se de morto” (AZEVEDO, 2003, p. 20). Assim, a Morte cumpriu sua promessa e o médico morreu (AZEVEDO, 2003).

Cabe salientar que a narrativa finaliza utilizando mais uma vez de uma metáfora: “Naquele exato instante, uma vela pequena, num lugar desconhecido e estranho, estremeceu e ficou sem luz” (AZEVEDO, 2003, p. 20). O uso desse tipo de analogia permite explorar uma série de categorias de discurso que não aparecem ou que são difíceis de tratar, como é o caso das que permeiam o tema da finitude. Para Grzybowski esta é uma das grandes forças da tanatopedagogia, já que na opinião do autor:

A tanatopedagogia, devido a seu teor único, possibilita a exploração de categorias que estão ausentes ou que raramente aparecem por conta da dificuldade em definir coisas como o amor, ternura, preocupação, compaixão, devoção, sacrifício, memória de outra pessoa. Estas categorias constituem um inseparável elemento do sofrer, adoecer e morrer em várias circunstâncias, e como tal, abrem os limites da interdisciplinaridade (GRZYBOWSKI, 2014a, p. 317).

Entendemos que o texto literário pode servir como o instrumento que potencializa as discussões sobre o processo da finitude e das questões que envolvem a morte e morrer, pelo fato dele se apresentar como um repositório das ações humanas e das condições que refletem a forma como uma sociedade constrói o conjunto de valores, sentimentos e práticas que articulam a sua forma de ver o mundo e de ser no mundo. Daí entendermos a pertinência de utilizar deste tipo de referencial para a construção de uma educação tanatopedagógica que permita a construção de um sujeito do processo educativo capaz de valorizar a sua vida e a vida das pessoas que o cercam, uma vez que esse tipo de aliteração permite o desenvolvimento da empatia, da solidariedade e do entendimento do sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu o entendimento de que falar sobre as questões relativas a finitude é um processo pertinente e necessário, pois comentar e refletir sobre o tema diminui angústias e possibilita a compreensão de que a morte é um processo que faz parte da vida.

Neste sentido fazer o uso da arte, especificamente do texto literário, torna-se elemento exponencial pois, através desse tipo de constructo é possível refletir sobre a condição humana, sendo que a literatura atua como elemento potencial para introdu-

zir a temática sobre a finitude, como pode ser observado a partir do conto analisado neste artigo, a saber, “O homem que enxergava a Morte (2003)”, de autoria de Ricardo Azevedo.

Observamos que é possível trabalhar com esta temática a partir de uma perspectiva que se ampara no humor como elemento primordial para atenuar um tema considerado complexo e tido como tabu na sociedade em que vivemos. Em parte, esse tabu é construído pelos avanços tecnológicos inerentes aos avanços na área da saúde, os quais acarretaram um aumento na expectativa de vida e acabam por promover um silenciamento sobre as questões referentes ao processo de morte e morrer.

Abordar a temática da finitude com crianças, utilizando o texto literário como premissa, se constitui em uma estratégia pedagógica interessante para pensar um processo de ensino e aprendizagem com potencial crítico e reflexivo, trazendo aportes que dimensionam a condição humana.

Em sendo o ambiente escolar um dos espaços nos quais são apresentadas aos sujeitos as percepções sobre o mundo que o cerca, entendemos a literatura como um elemento importante capaz de transmitir conhecimentos e saberes que são acumulados ao longo da experiência humana, sendo que, ao promover um processo educativo que fale sobre as questões relativas à finitude, promove ações que auxiliam no desenvolvimento de pessoas mais resilientes e capazes de lidar com futuras perdas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos*. Petrópolis: Vozes, 2005

ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro; Ediouro, 2003.

AZEVEDO, R. *Contos de enganar a morte*. São Paulo: Ática, 2003.

AZEVEDO, R. *Site Oficial*. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/ricardo-azevedo/>. Acesso em: 03 jan. 2021.

AZEVEDO, R. *Cultura Popular, literatura e padrões culturais*. 2008, 21 p. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/artigos/>. Acesso em: 03 jan. 2021.

AZEVEDO, R. *Conto Popular, literatura e formação de leitores*. 2007, 08 p. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/artigos/>. Acesso em: 04 jan. 2021.

BRUNEL, P. *Dicionário de mitos literários*. 3 ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

DASTUR, F. *A morte: ensaio sobre a finitude*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

FERREIRA, E. A. G. R.; BULHÕES, R. M. As raízes populares na produção literária infantil e seus impactos no leitor: análise da obra “Contos de enganar a morte”, de Ricardo Azevedo. *Elos: Revista de Literatura Infantil e Juvenil*, s/v, n. 4, p. 79-82, 2017.

GRZYBOWSKI, P. P. Tanatopedagogia. SANTOS, F. S., SCHLIEMAN, A. L., SOLANO, J. P. C. (orgs). *Tratado Brasileiro sobre perdas e luto*, São Paulo: Atheneu Editora, 2014a, p. 315-326.

GRZYBOWSKI, P. P. O Doente, o sofrimento e a morte como estranhos. SANTOS, F. S., SCHLIEMAN, A. L., SOLANO, J. P. C. (orgs). *Tratado Brasileiro sobre perdas e luto*, São Paulo: Atheneu Editora, 2014b, p. 13-27.

INCONTRI, D. A morte e o luto, a criança e a escola – é possível integrar essas questões em uma educação desintegrada. SANTOS, F. S., SCHLIEMAN, A. L., SOLANO, J. P. C. (orgs). *Tratado Brasileiro sobre perdas e luto*, São Paulo: Atheneu Editora, 2014, p. 341-345.

KOVÁCS, M. J. Morte no processo do desenvolvimento humano. A criança e o adolescente diante da morte. KOVÁCS, M. J. *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 49-58.

KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a Morte e o Morrer*. 9 ed, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

MEDEIROS, M. M. Concepções historiográficas sobre a morte e o morrer: comparações entre a *ars moriendi* medieval e o mundo contemporâneo. *Outros Tempos* (Dossiê Religião e Religiosidade). 2008; v. 6, n. 5, p. 152-172, 2008

MENEZES, A. N., MEDEIROS, M. M. *Dicionário Crítico de Tanatologia*. Dourados: Editora da UEMS, 2020.

OLIVEIRA, B. T. G. M., MEDEIROS, M. M. *Por que, quando e como falar sobre a morte na escola: material de apoio ao (à) professor (a) dos anos iniciais do ensino fundamental*. Dourados: Editora da UEMS, 2017.

SANTOS, F. S. *Tanatologia – A ciência da educação para a vida*. SANTOS, F. S. (org). *Cuidados Paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer*. São Paulo: Atheneu, 2009.

VALENZUELA, S. T. O conto “A quase morte de Zé Malandro” de Ricardo Azevedo: a literatura infantil e juvenil e o cordel. *Signótica*, v. 33, s/n, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/64817/36889>. Acesso em: 03 jan. 2022.